



## A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL : PROCESSOS DE APRENDIZAGENS E SABERES

Francisca Silva do Nascimento <sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta de uma parte da Dissertação de Mestrado que trata sobre **AS PLANTAS MEDICINAIS NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: UM ESTUDO DOS SABERES TRADICIONAIS NA PANDE- MIA DO COVID- 19 EM BENJAMIN CONSTANT-AM**. O termo educação não-formal apareceu no final da década de sessenta. Neste período surgem discussões pedagógicas, vários estudos sobre a crise na educa- ção, as críticas radicais a instituição escolar, a formulação de novos conceitos e seus paradigmas. Não há a necessidade de um espaço físico definido, o conhecimento de educação não- formal recebeu e tem recebido muitas reflexões por parte dos profissionais da educação nos últimos tempos. De acordo com o autor Jaume Trilla (1996), a expressão educação não-formal começa a aparecer relacionada ao campo pedagógico conco- mitantemente a uma série de críticas ao sistema formalizado de ensino, em um momento histórico em que diferentes setores da sociedade (não só o pedagógico, como também o serviço social, a área da saúde, cultura e outros) viam a escola e a família como impossibilitados de responder a todas as demandas sociais que lhes são impostas, delegadas e desejadas.

**Palavras-chave:** Plantas medicinais. Educação não formal. COVID 19.

### SUMMARY

This work is an excerpt from the Master's Dissertation that addresses **MEDICINAL PLANTS IN NON- FORMAL EDUCATION: A STUDY OF TRADITIONAL KNOWLEDGE IN THE COVID-19 PANDEMIC IN BENJAMIN CONSTANT-AM**. Medicinal plants, having the ability to help cure or treat various diseases, have been identified and used throughout the history of humanity. The use of plants as medicine is based on non-formal knowledge and the culture of each people. This study has the general objective of understanding how people use medicinal plants in the treatment of coronavirus only with popular knowledge, which is the basis for non-formal education. The present study reports the benefits of medicinal plants used by residents during the COVID-19 pandemic. The research was carried out using a quantitative and qualitative approach. It can be noted that people know some benefits that medicinal plants have, having family culture as their main source of knowledge. The use of medicinal plants in the treatment of diseases goes beyond ethnic, social and geographic barriers. Phytotherapy is among the most widespread health practices in the world.

**Keywords:** Medicinal plants. Non-formal education. COVID-19.

### INTRODUÇÃO

Sabemos que os processos de aprendizagens fazem parte de inúmeros ensinamentos, é enfatizada como um dos fenômenos centrais na vida do ser humano. Não se trata de pensar apenas o ato de aprender, mecanica- mente, como o fez por décadas a Pedagogia tradicional, ao se preocupar fundamentalmente com as didáticas do ensino, quando a aprendizagem era vista não como um processo, mas como um resultado, um ponto de chegada que poderia e deveria ser medido através de números.

Thompson (1982) atenta-nos para este aspecto quando fala do processo reflexivo da aprendizagem, da reconstrução contínua da cultura no fazer humano. É fazendo que se aprende. A experiência tem papel importante. Cultura para nós é um processo vivo e dinâmico, fruto de interações onde são construídos valores, modos de percepção do mundo, normas comportamentais e de conduta social, uma moral e uma ética no agir humano.

Sempre há recriação nos saberes de aprendizagens através da reelaboração interna, mental, de tal forma que o que foi aprendido é retraduzido por novos códigos, de dentro para fora, e ao se expressar como lingua-

<sup>1</sup> Mestra em Ciências da Educação Pela Universidad Interamericana do Paraguay. Especialista em Metodologia do Ensino de Biologia e Química pelo Instituto PROMINAS. Graduada em Biologia e Química pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Email: franbc@hotmail.com

gem ou comportamento, é um conhecimento elaborado. Há, portanto, um grau relativo de autonomia do sujeito que aprende. Demo (2001), denomina o “reconstrutivismo” Ao contrário do ensino, que se esforça por repassar certezas que são reconfirmadas na prova, a aprendizagem busca a necessária flexibilidade diante de uma realidade apenas relativamente formalizada, valorizando o contexto do erro e da dúvida. “Pois quem não erra, nem dúvida, não pode aprender”.

Novas formas de aprendizagens e saberes são descoberto e identificados fora das instituições escolares, fundamentais para o crescimento/desenvolvimento dos indivíduos enquanto seres humanos, assim como para o desempenho destes indivíduos no processo de trabalho em face às novas exigências do mundo globalizado. A atuação dialógica das instituições escolares em relação a outras práticas educacionais desenvolvidas e exercidas em seu exterior seria, então, além de desejável, uma maneira de fortalecer tais instituições no mundo contemporâneo.

Através da educação não formal, por exemplo:

(...) uma criança adquire um vocabulário substancial em casa, antes de ir à escola, uma filha aprende a cuidar de crianças e a cozinhar a partir da observação e da ajuda a sua mãe, um filho adquire competências profissionais de seu pai e crianças e adolescentes aprendem com seus pares. (COOMBS, PROSSER E AHMED, 1973, p. 10).

Dentro deste pensamento de educação não-formal pode-se entender como quaisquer atividades educacionais organizadas e sistematizadas que ocorram fora do sistema formal estabelecido, ainda que operem em consonância ou de maneira complementar no processo de ensino. O fio condutor deste texto são as aprendizagens construídas no campo da participação social, por nós atribuída como campo da educação não formal.

Interessa-nos saber como são construídos diferentes formas de participação do ponto de vista da pesquisa, e como é gerada a produção de conhecimento sobre um tema em tela, e não os métodos de mobilizar ou organizar a população para a participação âmbito da política e não da pesquisa. Interessa-nos refletir sobre o processo pedagógico da participação, especialmente em ações coletivas organizadas em movimentos sociais, em processos que denominamos como campo da educação não formal.

Gadotti (2005) assinala que o processo de aprendizagem envolve quatro elementos fundamentais: aquele que deseja aprender (o aluno), o conhecimento em si (ideias, conceitos etc.), quem organiza o conhecimento para a aprendizagem (professor, instrutor etc.) e o contexto ou a situação na qual a aprendizagem ocorrerá (sala de aula ou situações flexíveis com tempo e local próprio para cada aluno, a exemplo da educação a distância). Em síntese, adota-se neste texto uma perspectiva de aprendizagem como sendo um processo de formação humana, criativo e de aquisição de saberes e certas habilidades que não se limitam ao adestramento de procedimentos contidos em normas instrucionais, como em algumas abordagens simplificadoras na atualidade.

O termo não-formal também é usado por alguns investigadores como sinônimo de informal. Consideramos que é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre estes conceitos. A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. Vamos tentar demarcar melhor essas diferenças por meio uma série de questões, que são, aparentemente, extremamente simples, mas nem por isso simplificadoras da realidade e saber.

Na não-formal, o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc. Os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação).

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação e formação

política e sociocultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc.

## 1. Educação Não Formal e os processos de aprendizagens

Ao falamos em processo educativo, quase sempre nos remetemos à escola. Mas não apenas a escola contribuiu com o processo educativo. A educação carrega em si inúmeras alternativas de formação e de conexão com o mundo que nos cerca, daí se tratar de um fenômeno complexo. A aprendizagem não formal tem papel importante na cultura, sendo ela um processo vivo e dinâmico, fruto de interações onde são construídos valores, modos de percepção do mundo, normas comportamentais e de conduta social, uma moral e uma ética no agir humano.

Quando limitarmos as possibilidades educativas ao espaço físico da escola, estaremos excluindo a possibilidade de distintos aprendizados e vivências dos estudantes, em espaços outros que não a escola. O meio sociocultural onde se vive e a classe social a que pertence fazem parte da construção da cultura dos indivíduos. Por sua vez, a educação não formal é um conceito em construção, que dialoga com as questões socioeducativas oriundas do campo cultural, que emergem sobremaneira no contexto histórico dos últimos vinte anos, devido à necessidade de se desenvolverem processos de formação para a cidadania.

O conceito adotado por Gohn (2010) envolve a ideia de que a educação não formal seria necessariamente articulada com o campo da educação cidadã, sempre vinculado à virtudes de democratização do conhecimento. Sendo assim, responderia a educação não formal por um processo “sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade”.

O conhecimento não está presente exclusivamente no espaço escolar (ARAÚJO; SILVA; FACHÍN-TERÁN, 2011; JESUS; LEITE, 2014). De acordo com Jesus e Leite (2014, p. 5583),

Família, igrejas, associações de moradores, sindicatos, praças, parques botânicos, zoológicos e museus, só para citar alguns, constituem-se lugares de produção e circulação de conhecimentos. Cada um desses espaços apresenta características peculiares e têm suas idiossincrasias no desenvolvimento do ato educativo. Dependendo de seus objetivos e de sua natureza tais espaços visam promover a formação humana [...].

Dessa forma, podemos avaliar que a educação em espaços não formais pode ocorrer em uma multiplicidade de espaços, com convergência, também, de diversos conhecimentos.

Em todas as produções é possível perceber uma preocupação em compreender o papel exercido pelos processos educacionais que se estabelecem fora dos contornos das instituições formais de ensino. Não se trata de minimizar o papel da escola na construção da aprendizagem, mas antes de procurar estabelecer uma maior interação entre a instituição escolar e a comunidade local, regional e nacional. O universo cultural que o circunda e que contribua de maneira mais eficiente com o mesmo.

São oferecidas e disponibilizadas um espaço para que a criança e ao adolescente, possam aprender e expressar os novos conhecimentos adquiridos por meio de uma nova linguagem no contexto cultural:

Além disso, a educação não-formal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças da comunidade. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais (BARRO; SANTOS, 2010, p. 06).

É interessante enfatizar que a educação não formal se processa em quaisquer atividades que ocorram fora do ambiente escolar, se vinculando a museus, meios de comunicação, instituições que organizam eventos de diversas ordens de acordo com cada cultura, assim, a aprendizagem se constitui de acordo com o desejo individual. Um dos grandes desafios da educação não formal é em defini-la, e caracterizá-la pelo que ela de fato é por ser uma área de ação social educativa.

Percebe-se que a educação não formal é desenvolvida por entidades que se preocupam com o bem-estar social, sendo as ONGs, entidades que são organizações sem fins lucrativos, com fins públicos e auto-governados, as entidades que buscam promover a redução das desigualdades sociais e transformação social dirigida à formação humana de acordo com a cultura de cada povo.

A educação não-formal não é estática sendo esta composta de uma grande diversidade e esse aspecto

é muito interessante para o campo educacional, permitindo, além de contribuições de diversas áreas, a composição de diferentes bagagens culturais, é uma atividade aberta que ainda tem sua identidade em construção.

Entende-se a educação não-formal como processo de aprendizagem conforme apontado por Gohn(1999) citado por Falcão (2009, p. 18):

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos.

A valorização de questões não consideradas em outros campos educacionais, fazer emergir as bases de uma relação educacional diferenciada. Esta compreensão da educação não-formal a partir da filosofia pode fazer com que algumas práticas da educação não-formal apresentem-se como uma possível proposta de educação inovadora e transformadora, que busca a partir das relações vividas no cotidiano.

Não se trata aqui de negar a importância histórica da escola no processo formativo das pessoas, mas de apresentar novas possibilidades de aprendizagem em outros espaços educativos quando falamos em educação não formal. Hoje somos expostos a um enorme acúmulo de conhecimentos originados das mais diversificadas atividades do ser humano, por isso não cabe restringir o processo educativo ao espaço escolar.

A importância dos espaços não formais de educação é evidenciada por Barros e Santos (2010), quando constata um aumento no surgimento de espaços educativos diferentes da escola. Mesmo porque, os espaços de educação não formal têm se constituído em ambientes adicionais que favorecem práticas pedagógicas diferenciadas, dado o caráter de não formalidade das instituições que concedem maior autonomia e flexibilidade em relação à escolha de conteúdo, o que, de certa maneira, amplia as possibilidades de contextualização e do fazer científico.

É nesse contexto, que os espaços não formais de educação têm contribuído, sobremaneira, para a melhoria e a diversificação do ensino, notadamente para o ensino de ciências. Certamente porque, a intenção dos professores, ao utilizar esses ambientes, diz respeito às possibilidades de adoção de múltiplas abordagens e de práticas, entre outros aspectos, no processo de ensino e de aprendizagem, além de se incluírem em um debate permanente sobre o papel educativo desses espaços. Quando se fala em educação não formal, duas categorias devem ser levadas em consideração, e que apresentam o mesmo grau de importância – a categoria espaço e tempo.

## CONCLUSÃO

Na educação não-formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo.

O método passa pela sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda as pessoas. Penetra-se portanto no campo do simbólico, das orientações e representações que conferem sentido e significado às ações humanas. Supõe a existência da motivação das pessoas que participam. Ela não se subordina às estruturas burocráticas. É dinâmica. Visa à formação integral dos indivíduos.

Neste sentido tem um caráter humanista. Ambiente não formal e mensagens veiculadas “falam ou fazem chamamentos” às pessoas e aos coletivos, e as motivam. Mas como há intencionalidades nos processos e espaços da educação não-formal, há caminhos, percursos, metas, objetivos estratégicos que podem se alterar constantemente.

Há metodologias, em suma, que precisam ser desenvolvidas, codificadas, ainda que com alto grau de provisoriedade pois o dinamismo, a mudança, o movimento da realidade segundo o desenrolar dos acontecimentos, são as marcas que singularizam a educação não-formal.

## REFERÊNCIAS

AMADO, João; FERREIRA, Sônia. **A Entrevista na Investigação Educacional**. In: Manual de Investigação



BARROS, V. C.; SANTOS, I. M. **Além dos muros da escola: a educação não formal como espaço de atuação da prática do pedagogo.** [S.l.: s.n.], 2010.

BARROS, V. C.; SANTOS, I. M. **Além dos muros da escola: a educação não formal como espaço de atuação da prática do pedagogo.** Encontro de Pesquisa em Educação de Alagoas, 5. Pesquisa em Educação: desenvolvimento, ética e responsabilidade social. Alagoas., 2010. Anais eletrônicos ... Disponível em: Acesso em: 5 fev. 2021.

FELSENSTEIN, S.; HERBERT, J. A.; MCNAMARA, P. S.; HEDRICH, C. M. FLICK, Uwe. **Métodos de Pesquisa: introdução à pesquisa qualitativa.** Cap. 17: Observação e etnografia; Cap. 18: Dados visuais: fotografia, filme e vídeo; cp. 19: Utilização de documentos como dados. Rio de Janeiro: Artmed-Bookman, 2009.

FERRO, D. **História da Fitoterapia.** In: FERRO, Degmar et al. Fitoterapia: conceitos clínicos. São Paulo: Atheneu, 2008. Cap. 1. p. 1-8.

FIRMO, W. C. A.; MENEZES, V. J. M.; PASSOS, C. E. C.; DIAS, C. N.; ALVES, L. P. L.; DIAS, I. C. L.; NETO, M. S.; OLEA, R. S. G. **Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais.** Cad. Pesq. São Luís, São Luís, v. 18, n. especial, p. 90-95, dez. 2011.

GASPARETTO, J.C., CAMPOS, F.R., BUDEL, J.M., PONTAROLO, R. **Estudos agronômicos, genéticos, morfoanatômicos, químicos, farmacológicos, toxicológicos e uso nos programas de fitoterapia do Brasil.** Revista. Brasileira. Farmacognosia. 20, 627– 640. 2010.

GATTI, Bernadete. A. **Estudos quantitativos em educação.** Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

GADOTTI, Moacir (2005), **A Questão da educação formal/não-formal.** Sion: Suisse Institut International des Droits de l'enfant-IDE.

GOHN, M. G. **Educação não formal na pedagogia social.** An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Educação não-formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal e o Educador Social.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013a.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social.** In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1. 2006, . **Proceedings online.** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Available from: . Acesso em: 21 Oct. 2020.

GONÇALVES JS. **Manual de Prescrição de Fitoterápicos pelo Nutricionista.** – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Atheneu, 2019. 366 p.

5

IBIAPINA, W.V.; LEITÃO, B.P.; BATISTA, M.M.; PINTO, D. S. **Inserção da Fitoterapia na atenção primária aos usuários do SUS.** Rev. Ciência Saúde Nova Esperança. Jun, 12(1): p.58-68, 2014.

JESUS, M. L. M.; LEITE, R. S. M. **Nem só de escola vive o ensino de ciências: formação científica cidadã no contexto dos museus de ciência.** Revista da SBEnbio, São Paulo, n. 7, 2014.

KHAN,S.; SIDDIQUE, R.; SHEREEN, M.; ALI, A.; LIU, J.; BAI, Q.; BASHIR, N.; XUE, M. The emergence of a novel coronavirus (SARS-CoV-2), their biology and therapeutic options. **Journal of Clinical Microbiology**, 2020.



LÓPEZ, C. A. A. **Considerações gerais sobre plantas medicinais.** Universidade Estadual de Roraima – UERR. Ambiente: Gestão e Desenvolvimento, 1(1):19-27. 2006.

LÜDKE, ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986